

A universidade católica em contexto de mudança de época: identidade e missão

*The catholic university in the context of changing times:
Identity and mission*

Dom Paulo Cezar Costa

Introdução

Manifesto minha profunda alegria de retornar a esta casa, comunidade do saber, da pesquisa que tem uma identidade própria, ser uma Universidade Católica. Doe a vida por vários anos nesta Pontifícia Universidade Católica. Aqui passei um ciclo da minha vida que me marcou para sempre. Quando fui Diretor do Departamento de Teologia, fui lavado a refletir sobre a especificidade da PUC-Rio e me deparei com uma resposta que parece óbvia, mas que deve nortear as ações e projetos da Universidade: **A PUC- Rio é uma Universidade de Pesquisa**. Isto não depõe, mas ao contrário leva a valorização da Graduação e tantos outros projetos, pois mesmo as graduações torvam-se cursos de excelência.

Estamos numa Universidade Católica. Existe uma profunda familiaridade entre Igreja Católica e Universidades, pois a Igreja se encontra ligada as Universidades e à cultura. Ela sempre promoveu o saber, a pesquisa e a cultura. E por isso, também, esteve envolvida nas principais questões da história da ciência, mesmo questões controversas como o caso Galileu Galilei. Só quem suja as mãos na caminhada tem seus acertos e seus erros. Quem se acha expectador da história não participa dos erros, mas também, não constrói a história.

A especificidade de uma Universidade Católica está em ter no centro a Fé Católica, os valores do catolicismo, a sua filosofia. É uma instituição que se pauta pela fé católica.

1. Mudança de Época

Vive-se uma mudança de época, e seu nível mais profundo é o cultural, com uma supervalorização da subjetividade individual. O individualismo enfraquece os vínculos comunitários e propõe uma radical transformação do tempo e do espaço, dando papel primordial à imaginação. Uma tendência para a afirmação exasperada de direitos individuais e subjetivos.

Vive-se num tempo classificado como de pensamento fraco ou pequena ideia, que caracterizou o fim do milênio passado e o início deste. Onde se convive simultaneamente com uma sociedade plasmada por uma racionalidade forte, altamente desenvolvida, que domina os diversos setores da vida da sociedade, mas tem-se simultaneamente a crise da ideologia, crise da metafísica, uma sociedade marcada pela fragmentação e pela subjetividade acirrada. Cito, rapidamente autores que parecem nos indicar algo sobre o nosso tempo: Zygmunt Bauman, que trabalha o pensamento líquido, analisando a vida da sociedade e até as relações onde a modernidade líquida traz consigo uma misteriosa fragmentação dos laços humanos.¹ Gilles Lipovetsky mostra que o avanço brutal da globalização e das novas tecnologias de comunicação interferiram diretamente em comportamentos e modos de vida.² Papa Francisco que na Fratelli Tutti fala de fala de conhecimento sem sabedoria, de informações sem sabedoria.³

O livro de Charles Taylor “A Secular Age”⁴ mostra que se vive numa sociedade secularizada caracterizada muitas e novas opções religiosas, espirituais e até antirreligiosas das quais os indivíduos se apropriam afim de conferir um sentido à existência. Passou-se de uma sociedade em que era impossível não acreditar em Deus para uma sociedade na qual até para os crentes mais fervorosos a fé representa uma possibilidade entre outras. Fala-se em espiritualidade para os não crentes, para ateus.⁵

Talvez uma das questões principais do nosso tempo seja a concepção do ser humano que vai perdendo as suas referências, sendo reduzido às funções e principalmente à função técnica – produtiva, que não conhece relações. É preciso reencontrar princípios de unidade na concepção da realidade, das ciências, da própria pessoa humana. Neste caminho Vittorio Possenti propõe o novo princípio pessoa, que gira em torno de dois núcleos filosóficos – teológicos: o homem é dotado de razão e vontade livre; o homem é criado por Deus à sua imagem. Tais

¹ BAUMAN, Z., Amor Líquido. Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos.

² LIPOVETSKY, G., Os Tempos Hipermodernos.

³ FT 47–50.

⁴ TAYLOR, CH., Uma Era Secular.

⁵ COMTE-SPONVILLE, A., O Espírito do Ateísmo.

fundamentos são contribuições do cristianismo. Estão fundamentados pela rica reflexão Filosófica e Teológica do pensamento cristão. A pessoa não pode ser explicada por um esquema naturalista, ela é muito mais.⁶

A crise da metafísica é uma realidade. O grande da filosofia, sobretudo, aquela chamada analítica é o da fragmentação. A maioria das teorias filosóficas tratam de entes específicos, mas não dimensão *oniabrangente* do Ser. De fato, a crítica de Heidegger em relação a isso ainda é pertinente: “toda a história da filosofia no ocidente foi uma metafísica do ente e não do Ser.” Despontam-se alguns pensadores que atinam para o problema do Ser. As perspectivas futuras são um pouco melhores para a metafísica. O próprio campo da física percebe que esta não pode ser a dimensão última da realidade, o que deixaria muitas coisas não explicadas (uma delas a consciência). Depois, a astrofísica está colocando questões sobre o "Tudo" do universo e isto faz surgir questões não mais físicas, mas metafísicas.

Estudei a patrística do III século: uma observação de um autor, analisando o segundo século, dizia que o mundo pagão está cansado do politeísmo, que a filosofia grega tinha direcionado a razão para o uno. Há um direcionamento da razão para o Uno, para o Universal. Que a razão tende para o Uno, o Universal é uma obviedade que não pode ser negada.⁷ Toda a discussão da Encíclica Fratelli Tutti se coloca nesta direção. É preciso um centro, um princípio unificador para a construção de uma sociedade de irmãos.

A cultura ocidental está perdendo, este direcionamento para o Uno, este forte elemento de unidade. Mesmo a reflexão sobre uma irmandade universal, sobre uma fraternidade universal não se impõe sem o Ser que nos una. O Uno e o Ser são conversíveis. A fragmentação tem a multiplicidade como fundamento. Talvez a fragmentação tenha sido uma consequência normal do mundo ocidental, sobretudo, das filosofias contemporâneas depois de Hegel. Mas, há elementos que levam a acreditar que o movimento contrário (da unificação) vai acabar por ganhar força. Há ambiente para um novo raiar da metafísica (do Ser e não do ente) no Ocidente, que ajudará na superação da fragmentação das ciências e da filosofia.

Unidade sem uniformismo. Talvez o uniformismo, sobretudo da II grande guerra, deu grande força (justamente) à diversidade, mas esta direção foi radicalizada como se os diferentes não tivessem nada em comum. Hoje precisamos resgatar a unidade respeitando as diferenças. Talvez tenha sido este o ganho de todos estes anos enfatizando apenas a "diferença". Numa síntese mais elevada, não pode haver desrespeito com as diferenças, mas englobá-las numa unidade respeitosa, integral.

⁶ POSSENTI, V., O Novo Princípio Pessoa.

⁷ GILBERT, P., Le Ragioni della sapienza.

2. A Universidade Católica neste cenário

A Universidade Católica está no coração da Igreja, por isso a Constituição Apostólica que regia as Universidades Católicas até pouco tempo se chamava *Ex Corde Ecclesiae* (Do coração da Igreja). Já na sua introdução, ela manifesta o apreço e o papel da Universidade Católica. Nascida do Coração da Igreja, a Universidade Católica insere-se no sulco da tradição que remonta à própria origem da Universidade como instituição, e revelou-se sempre um centro incomparável de criatividade e de irradiação do saber para o bem da humanidade. Pela sua vocação a *Universitas magistrorum et scholarium* consagra-se à investigação, ao ensino e à formação dos estudantes, livremente reunidos com os seus mestres no mesmo amor do saber. Ela compartilha com todas as outras Universidades aquele *Gaudium de Veritate*, tão caro a Sto. Agostinho, isto é, a alegria de procurar a verdade, de descobri-la e de comunicá-la em todos os campos do conhecimento. A sua tarefa privilegiada é « unificar existencialmente no trabalho intelectual duas ordens de realidade que muito frequentemente se tende a opor como se fossem antitéticas: a investigação da verdade e a certeza de conhecer já a fonte da verdade».

A Universidade Católica vive assim, de uma sã bipolaridade: ela é a comunidade da busca da verdade e ao mesmo tempo, tem consciência que a verdade é uma realidade que já nos foi dada na Revelação. Por isso, Papa Francisco inicia a *Veritatis Gaudium* falando da alegria da verdade: “A alegria da verdade (*Veritatis Gaudium*) é a expressão do desejo ardente que traz inquieto o coração de cada ser humano, enquanto não encontra, habita e partilha com todos a luz de Deus”. E Papa Francisco diz com todas as letras o que é a verdade para o cristianismo: “Efetivamente, a verdade não é uma ideia abstrata, mas é Jesus, o Verbo de Deus, em quem está a Vida que é a Luz dos homens (Jo 1,4), o Filho de Deus que é, conjuntamente, o Filho do homem.”

Busca, mas ao mesmo tempo consciência de que a Verdade é uma pessoa, Jesus Cristo. Ilumina esta bipolaridade a *Fides et Ratio*, que inicia mostrando que “a Fé e a razão constituem como que as duas asas pelas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade”. Mas aqui, não entendo a razão só como filosofia, mas como toda a busca da ciência. Toda a busca da ciência, com os seus diferentes métodos, manifesta a busca do espírito humano. Onde o ser humano vai desenvolvendo aquela vocação que o criador colocou no coração humano de dominar a terra. Claro que este domínio não pode ser de destruição, depredação, mas de preservação. Toda busca a busca do ser humano que se manifesta na diversidade das pesquisas científicas que manifestam esta tensão que existe no coração humano pela busca da verdade, onde o ser humano vai sempre se auto

transcendendo na busca de conhecer mais, de entrar no mistério da natureza, do próprio ser humano, da realidade. O ser humano foi criado para a verdade. Por isso, Papa Francisco fala de um *Gaudio* de uma alegria da verdade, pois a mente humana se realiza quando encontra a verdade. Ainda que sejam verdades parciais, pois a mente humana foi criada para a verdade.

Sou consciente de que a modernidade e pós-modernidade tende a valorização de um tipo de racionalidade, se edificando substancialmente sobre uma interpretação científico - matemática do real. Assim, somente o «fato» aparece como dotado de valor, auferido mediante os métodos exatos das ciências naturais e que, conseqüentemente, pode ser controlado, dominado e repetido pela intervenção humana. Nesta visão o «saber» se torna simultaneamente «poder» e ambos os processos são submetidos à única autoridade reconhecida: a *ratio* técnica. Todo outro tipo de conhecimento, não exprimível em termos científicos - positivo, vem a perder o próprio direito de cidadania no reino do legitimamente comunicável e assim confinado no âmbito do «subjetivo», ou opinável.⁸ Nesta lógica, quem fica excluído é «o coração», ou seja, «o ponto mais elevado da inteligência humana, isto é, a possibilidade de ver a Deus e introduzir também no mundo do trabalho, do comércio, da política, a luz da responsabilidade moral, do amor e da justiça».

Mas a Universidade, e aqui, a Universidade Católica deve expressar a riqueza da racionalidade científica, que não se limita a uma forma de racionalidade. Ela é esta comunidade onde a riqueza da busca humana através das ciências constitui uma grande comunidade de pesquisa e de ensino. Onde exige-se uma síntese entre o uso responsável das metodologias próprias das ciências empíricas e dos outros saberes que elevam o espírito humano até o mistério que transcende a natureza e a inteligência humana.⁹ Aqui este explícito a Filosofia e a Teologia, mas também as outras áreas do saber. Nela dialogam um conjunto de racionalidades, bem expressas pelos diversos Decanatos desta prestigiosa Universidade: CTC, CCS, CTCH e CCM. Diálogo que deve acontecer como elemento interno da lógica do método científico e na vida da comunidade acadêmica.

Nesta visão, a universidade se torna verdadeiramente a casa do diálogo pois este se torna método que move a ciência e ao mesmo tempo, este acontece entre as diversas ciências da comunidade acadêmica. O desvelar da verdade se desenvolve numa lógica de diálogo, mas de um diálogo que não é externa à lógica da comunidade científica, mas que está no seu interno como parte integrante de uma sã bipolaridade. Diálogo que acontece no fazer ciência, mas que, também, se torna lógica na comunidade acadêmica. A Universidade Católica é toda ela

⁸ BELLANDI, A., *Fede cristiana come*.

⁹ EG 242.

comprometida com a cultura do diálogo. Onde, como fundamento há o pressuposto da fé. O que não diminui, mas ao contrário ilumina, instiga e conduz à profundidade na busca da verdade, pois nada é relativizado, mas tudo é valorizado e considerado na elucidação da verdade. Por isso, uma das condições para que a universidade seja católica é ter excelência acadêmica. A Universidade é assim, a comunidade do diálogo: diálogo entre Fé e Razão, Diálogo entre Fé e Ciência, diálogo entre Fé e Cultura. Onde neste diálogo Fe e razão se ajudam mutuamente: “...fascinados pela pura tecnologia, a razão sem a fé está destinada a perder-se na ilusão da própria onipotência, enquanto a fé sem a razão corre o risco do alheamento da vida concreta das pessoas.”¹⁰

Esta cultura do diálogo, a concepção da Universidade como esta comunidade do diálogo entre as diversas ciências, alarga os horizontes da razão e mostra que somente uma abordagem da realidade não consegue ler a totalidade do real. Somente este alargar da razão no diálogo pode iluminar e contribuir no enfrentamento dos reais problemas da sociedade e da humanidade.

3. Alguns desafios para a Universidade Católica hoje

Elenco sete desafios para a Universidade Católica:

1. Comunidade que conjuga excelência acadêmica com a Sabedoria. A Universidade Católica deve primar pela sua excelência acadêmica. Mas não basta só a excelência acadêmica, o desafio dos tempos pede mais. A conjunção entre sabedoria e ciência. Aqui, não se opõe uma ou outra, mas o ensino das ciências que devem ser integrados numa visão maior, mais abrangente que implica as tradições religiosas, as tradições culturais, a filosofia, etc. A sabedoria implica sempre uma visão mais profunda, mais alargada da realidade. Já para o homem grego, a sabedoria implicava um princípio unificador que para Heráclito era o Logos. “Pois só existe uma Sabedoria: conhecer o Logos que tudo dirige e em tudo é princípio unificador”. É um princípio unificador na constante mudança. Para Platão, Sócrates é modelo do sábio grego e o conhecimento unificante e orientador encontra-se na contemplação das “ideias eternas”. E para Aristóteles, este princípio unificador está na busca das últimas causas. Para o homem bíblico a sabedoria se encontra na conjunção entre dom de Deus e conhecimento adquirido. A sabedoria é dom de Deus, que provem da vivencia da Palavra de Deus; mas ao mesmo tempo, é uma qualidade adquirida pela experiência e transmitida pela educação. O sábio é aquele que conhece, mas que leva a vida e submete tudo à vontade do Senhor, à sua Palavra. Por isso o sábio é um homem

¹⁰ CV 74.

viajado, que conhece outras culturas, outros povos, outras formas de viver. Por que o conhecimento que o ser humano adquire de Deus, do encontro com a Palavra de Deus, da Revelação de Deus, “leva à plenitude qualquer outro conhecimento verdadeiro que a sua mente seja capaz de alcançar sobre o sentido da própria existência.”¹¹ O sábio de Israel “refletiam sobre os grandes problemas da existência humana, o sentido da vida e da morte, o absurdo do sofrimento e, também, sobre tantos temas da vida cotidiana: a amizade, a família, o matrimônio, a educação dos filhos, os banquetes, os bons modos e muitos outros.”¹² Onde o verdadeiro não é somente teorias, números, ideias, onde tudo que é ensinado se coloca no horizonte maior da Verdade. Neste caminho de aliança entre conhecimento e sabedoria a liberdade humana dispõe do imenso capital histórico e cultural acumulado durante os séculos e que a Universidade, comunidade das ciências, é depositária.

2. Um segundo desafio se torna aquele da condução a um saber que olhe o ser humano na sua integralidade, que porte sentido à existência. Nos encontramos no mundo, somos seres em busca. O ser humano faz na história a experiência da sua contingência, sente-se uma obra inacabada. Ele se defronta sempre com a pergunta sobre o verdadeiro sentido da existência, a busca por felicidade, realização, etc. Ele é anseio de realização, de felicidade. Estas são exigências intrínsecas do coração humano. Estas são questões fundamentais, pois determinam a existência humana e o caminho de sua liberdade.

Wittgenstein afirmou que quando todas as possíveis questões científicas encontrassem as suas respostas, os nossos problemas de vida não teriam ainda sido tocados.¹³ Nos momentos decisivos da vida, o homem não espera somente na ciência. Nas situações decisivas da vida: na confiança humana, na amizade, no amor, na doença, no falimento diante da morte, se coloca sempre o problema do sentido, da totalidade de sentido da vida. Em cada ser humano há uma busca de sentido, há um projeto de sentido da vida.¹⁴ O conceito de sentido, expressa o projeto de totalidade da nossa vida, que não pode encontrar o “seu ser total” sem o mundo no qual está situada. Este sentido buscam os humanos quando procuram felicidade, vida, amor, esperança, certeza, sucesso, poder, etc.¹⁵ Uma pessoa que não encontra este sentido torna-se vazia, solitária, etc. A busca de prazer, a ambiciosa aspiração ao sucesso, ou a revolta que destrói tudo, não são mais que

¹¹ FR 7.

¹² SKA, J. L., O Antigo Testamento.

¹³ WITTGENSTEIN, L., *Tractatus logico-philosophicus*.

¹⁴ KASPER, W., *Fede e Storia*, p. 128.

¹⁵ KASPER, W., *Fede e Storia*, p. 128.

tentativas de afastar este vazio de sentido. Somente lá onde encontra o sentido, o homem pode aceitar a si mesmo, aos outros e reconciliar-se com a realidade. Somente na experiência de sentido, e por meio desta, o homem chega ao “ser - total” e a salvação da própria existência. O sentido experimentado e realizado seria então a salvação do ser humano.¹⁶ Mas em nenhum lugar, é possível experimentar um sentido universal e completo de totalidade, no qual não haja nenhuma lacuna. Na experiência de cada procura de sentido, de um sentido universal, nós tocamos uma dimensão da experiência, que não podemos encontrar no plano das ciências particulares. Aqui o ser humano faz a experiência de superar-se a si mesmo para um infinito, de estar sempre já além, de tudo aquilo que é objetivamente possuído e experimentar uma ilimitada abertura.¹⁷

Este sentido nós o encontramos na religião. Uma sociedade que vai jogando a religião para a esfera da subjetividade, vai perdendo Deus. Usando uma expressão de Hegel: “Deus perdeu o mundo, o mundo perdeu Deus”. Hoje, a religião vai sendo jogada para a subjetividade, vai perdendo a sua incidência na vida da sociedade. A sociedade vai perdendo elementos portadores de sentido.

3. Neste horizonte maior, na busca da verdade a ligação profunda entre conhecimento e realidade. Papa Francisco enfatiza a importância da realidade. A realidade é aquilo que tocamos, que se coloca diante de nós. Um dos princípios que Papa Francisco enuncia na *Evangelii Gaudium* é a “realidade é mais importante que a ideia”. Entre realidade e ideia se estabelece um diálogo constante, evitando que a ideia acabe por separar-se da realidade. Nesta perspectiva encontram-se as grandes questões como a “crise antropológica”, crise sócio ambiental global, a questão da paz que se torna fundamental numa sociedade polarizada, etc., mas também as questões que tocam a realidade na qual a Universidade está inserida. A fé não nos permite viver indiferente diante da realidade, mas sim, ser agente de transformação. Aqui, no Rio de Janeiro e em outras grandes cidades, a questão da violência, principalmente nas comunidades.

4. Educar para a paz. Assusta-me que com todo o desenvolvimento da sociedade ainda se recorra ao horror de uma guerra para resolver conflitos. O mundo hoje, tem mais de 25 conflitos em andamento. Mas a paz não é ausência de guerra. Ele se constrói através da justiça, do diálogo, do desenvolvimento para todos, etc. Jesus proclama: “Bem-aventurados os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus” (Mt 5,9). O termo *eirenópoios* pode significar o “pacificador”, ou seja, aquele que traz ou “estabelece a paz,” ou ainda o “fazedor da paz”, o “artífice da paz”. São aqueles que ajudam seus semelhantes a viver em

¹⁶ KASPER, W., *Fede e Storia*, p. 129.

¹⁷ KASPER, W., *Fede e Storia*, p. 129.

paz e reconciliados com todos, com Deus, com os outros. Jesus Cristo é o *eirenopoios* por excelência, isto é, o pacificador por excelência, pois ele nos reconciliou com o Pai. Ele nos reconciliou no centro da existência, por isso, a verdadeira solidariedade humana, a verdadeira paz não pode ser construída sem Cristo. Só ele pode nos dar a paz que o mundo não pode dar. A Paz que provem de Deus é o fundamento último da paz interior e da paz social.

Na construção e educação para a cultura da paz precisa-se alargar horizontes, pois a paz não é somente ausência de guerras, de conflitos, ela é fruto, também, de relações justas. São Paulo VI dizia que a paz é obra da justiça, só se tem verdadeira paz se se constrói relações justas, ela é fruto do desenvolvimento. São Paulo VI dizia que “o desenvolvimento é o nome da paz”. São João Paulo II afirmava que sem justiça e perdão não há paz. Papa Francisco propõe o “diálogo como caminho para a construção da paz”. Somente o diálogo conduz a solução dos conflitos preservando a grandeza da dignidade humana e o bem irrenunciável da paz social. O diálogo parte sempre do valor universal do bem, que o ser humano traz como princípio moral inscrito no coração: “fazer o bem e evitar o mal”. Somente o diálogo conduz à construção de uma sociedade à altura da dignidade de seres humanos criados a imagem e semelhança de Deus e remidos em Cristo. O desafio de formar pessoas que sejam peritos na cultura do diálogo, ou como chama Papa Francisco, na cultura do encontro.

5. Uma educação para a construção de uma ecologia Integral. É imperativo, se queremos salvar a vida humana, o planeta uma visão nova, integradora. Por isso, quando vai tratar o tema da ecologia o papa chama a encíclica de *Laudato Si*. Ele propõe a visão integradora de Francisco de Assis. Vive-se numa era do poder da tecnologia, onde o ser humano experimenta a capacidade de transformar a realidade. A visão técnica parte de um olhar indiferente que quer dominar, transformar, tirar lucro. “O homem moderno não foi educado para o reto uso do poder”¹⁸ da tecnologia e da economia. O princípio responsabilidade de Hans Jonas, onde ele busca uma ética para a sociedade tecnológica.¹⁹

A educação para a ecologia integral implica um olhar novo, pois “A cultura ecológica não se pode reduzir a uma série de respostas urgentes e parciais para os problemas que vão surgindo à volta da degradação ambiental, do esgotamento das reservas naturais e da poluição. Deveria ser um olhar diferente, um pensamento, uma política, um programa educativo, um estilo de vida e uma espiritualidade que oponham resistência ao avanço do paradigma tecnocrático.”²⁰ A visão integradora

¹⁸ LS 105.

¹⁹ JONAS, H., O princípio Responsabilidade.

²⁰ LS 111.

parte da constatação de que tudo está intimamente relacionado, interligado. A razão laudativa faz perceber que tudo é fruto do Amor de Deus. Papa Francisco afirma que “Falta a consciência duma origem comum, duma recíproca pertença e dum futuro partilhado por todos. Esta consciência basilar permitiria o desenvolvimento de novas convicções, atitudes e estilos de vida.”²¹ A educação para a ecologia integral toca a todos nas pequenas e grandes atitudes da vida do dia a dia.

6. Uma Educação para perceber o valor de uma sociedade livre e democracia. Vive-se hoje, uma sociedade polarizada. Talvez, esta seja uma realidade com a qual não tínhamos nos deparado. A polarização, em si, não é um mal. Há tantas sociedades polarizadas. Neste cenário, necessita-se educar para a democracia, a liberdade política. Jacques Maritain escreveu, *Cristianismo e Democracia*, obra na qual ele mostra o valor da democracia, elas se opunham aos regimes totalitários, mas afirmava que a “tragédia das democracias modernas é que elas não conseguiram ainda, realizar a Democracia.”²² No trabalho de purificação da Democracia ele propõe a “razão esclarecida” e uma “renovação profunda da consciência religiosa”. Maritain mostra que a ideia de liberdade deriva da Bíblia e de sua extraordinária insistência sobre a dignidade da pessoa. “A Democracia é a única expressão política verdadeira do cristianismo. [...] “A democracia é de essência evangélica.”²³ Deve-se ter consciência que uma Democracia é um regime que vai se aperfeiçoando.

7. Educar para a solidariedade. A solidariedade implica sempre a capacidade de pensar além de si mesmo e da pertença a um grupo. É a percepção de que estamos inseridos numa realidade maior e que existe uma corresponsabilidade social e moral entre todos. Por isso, a necessidade de educar para a solidariedade como virtude moral e comportamento social. Essa educação envolve a família, onde se faz a primeira experiência de vida em comunidade, onde “se vivem e transmitem os valores do amor e da fraternidade, da convivência e da partilha, da atenção e do cuidado pelo outro. São também o espaço privilegiado para a transmissão da fé, a começar por aqueles primeiros gestos simples de devoção que as mães ensinam aos filhos.” Os Educadores devem estar conscientes de que a tarefa de educar as crianças e os jovens envolve as dimensões moral, espiritual e social da pessoa.

²¹ LS 202.

²² MARITAIN, J., *Cristianisme et Democratie*, p. 35.

²³ MARITAIN, J., *Cristianismo e Democracia*, p. 69.

A solidariedade manifesta-se concretamente no serviço, que pode assumir formas muito variadas de cuidar dos outros. O serviço é, «em grande parte, cuidar da fragilidade. Servir significa cuidar dos frágeis das nossas famílias, da nossa sociedade, do nosso povo».²⁴ A solidariedade não são gestos esporádicos, mas necessita-se tornar atitudes de vida e assumir forma de pensamento que atinja as estruturas da vida de uma sociedade e atinja as situações estruturais das questões de uma sociedade.

Conclusão

A Universidade Católica possui o grande desafio, de neste tempo de mudança, de manter a sua identidade Católica, pautando a sua vida, ensino e missão na Fé Católica, que não restringe a pesquisa, o ensino e a liberdade das ciências, mas as orientam para a Verdade. A mente humana foi criada para a Verdade. Ela se realiza quando encontra a verdade, ainda que sejam verdades parciais. As pesquisas científicas manifestam esta tensão da mente humana.

A fé cristã não falsifica a realidade, mas apresenta uma visão elevada do mundo, da pessoa humana, da realidade que nos circunda, pois concebe o mundo como criação de Deus, o ser humano como criado à imagem e semelhança de Deus e remido em Cristo. Assim, a Universidade Católica deve ser esta grande comunidade do saber, onde a partir da visão integradora e unificadora da fé se desenvolve a pesquisa e o ensino numa visão de diálogo entre as diversas ciências, pois cada uma tem a consciência da sua contribuição para a concepção, leitura e transformação da realidade, mas tem ao mesmo tempo, consciência de que a realidade é bem maior. O diálogo torna-se um elemento fundamental na concepção da comunidade acadêmica e filosofia de educação.

Concebida como Comunidade Acadêmica, onde a diversidade dos saberes se comunicam e dialogam numa visão de complementariedade, a Universidade Católica tem a missão de propor uma educação integral, que contempla a pessoa humana na sua totalidade e assumir os desafios da realidade à qual se encontra iluminando-a com uma reflexão que integre o binômio ciência – sabedoria. Suas pesquisas e ensino devem ajudar a iluminar e transformar a realidade.

Referências bibliográficas

BAUMAN, Z. **Amor Líquido**. Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

²⁴ FT 115.

BELLANDI, A. **Fede cristiana come «stare e comprendere»**. La giustificazione dei fundamenti della fede in Joseph Ratzinger, Roma: Pontificia Università Gregoriana, 1996.

BENTO XVI, PP. **Carta encíclica Caritas in Veritate, do sumo pontífice Bento XVI**: aos bispos presbíteros e diáconos às pessoas consagradas aos fies leigos e a todos os homens de boa vontade sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html>. Acesso em: 19 abr. 2023.

COMTE-SPONVILLE, A. **O Espírito do Ateísmo**. São Paulo: Martins Fontes 2007.

FRANCISCO, PP. **Carta encíclica Fratelli Tutti, do santo padre Francisco**: sobre a fraternidade e a amizade social. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html>. Acesso em: 19 abr. 2023.

FRANCISCO, PP. **Carta encíclica Laudato Si, do santo padre Francisco**: sobre o cuidado da casa comum. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html>. Acesso em: 19 abr. 2023.

FRANCISCO, PP. **Exortação apostólica Evangelii Gaudium, do santo padre Francisco**: ao episcopado, ao clero às pessoas consagradas e aos fies leigos sobre o anúncio do evangelho no mundo atual. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html>. Acesso em: 19 abr. 2023.

GILBERT, P. **Le Ragioni della sapienza**. Roma: Gregorian Biblical Press, 2010.

JOÃO PAULO II, PP. **Carta encíclica Fides et Ratio, do sumo pontífice Paulo II**: aos bispos da igreja católica sobre as relações entre fé e razão. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091998_fides-et-ratio.html>. Acesso em: 19 abr. 2023.

JONAS, H. **O princípio Responsabilidade**. Rio de Janeiro: PUC- Rio, 2011.

KASPER, W. **Fede e Storia**. Brescia: Queriniana, 1993.

LIPOVETSKY, G. **Os Tempos Hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2011.

MARITAIN, J. **Christianisme et Démocracie**. Paris: Desclée de Brouwer, 1989

MARITAIN, J. **Cristianismo e Democracia**, Rio de Janeiro: Agir, 1945.

POSSENTI, V. **O Novo Principio Pessoa**, São Paulo: Loyola, 2016.

SKA, J. L. **O Antigo Testamento**: explicado aos que conhecem pouco ou nada a respeito dele. Rio de Janeiro: Paulus, 2015.

TAYLOR, CH. **Uma Era Secular**. São Leopoldo: Unisinos, 2009.

WITTGENSTEIN, L. **Tractatus logico-philosophicus**. Frankfurt: Routledge, 1964.

Dom Paulo Cezar Costa

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma
Cardeal Arcebispo Metropolitano de Brasília